



# Novos cenários, velhas paisagens

A crise do novo coronavírus acelerou o processo de transformação digital nas organizações brasileiras, mas aprofundou o fosso da desigualdade no país. Quem faz esse retrato é o pesquisador Renato Meirelles, sócio e presidente do Instituto Locomotiva, que realizou mais de duas dezenas de pesquisas desde o início da pandemia para compreender os desafios deste momento sem paralelo na história recente do Brasil. **POR JADER MORAES**

“Talvez uma das primeiras *fake news* que surgiram a partir da Covid-19 era de que a doença era democrática”. A conclusão pertence a Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva, fundador do Data Favela e professor do IBMEC. Considerado um dos maiores especialistas em consumo e opinião pública do país e membro da comissão que estudou a nova Classe Média Brasileira, na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE), ele acredita que os graves problemas sociais brasileiros foram aprofundados com a crise ocasionada pela pandemia da Covid-19. “O coronavírus pode até afetar tanto ricos quanto pobres, mas os anticorpos sociais de uma sociedade desigual, como a que existe no Brasil, são muito diferentes”, completa.

O Locomotiva é um instituto de pesquisa que nasceu em 2016 e declara ter o objetivo de “mostrar as pessoas e histórias por trás dos números”. Voltado especialmente para a análise da economia popular, a instituição almeja transformar dados em estratégias e ações para que empresas, instituições públicas e organizações do terceiro setor aprendam a dialogar com um público cada vez mais conectado e engajado. Desde o início da pandemia, a organização já realizou 24 pesquisas que atestaram que, se de um lado, há pessoas que podem trabalhar em casa, que possuem água encanada dentro de seus lares e que, no máximo, reclamam da falta de álcool em gel nas farmácias; do outro lado, há uma realidade distinta nas favelas, em que 48% dos lares não têm água encanada.

Meirelles recorda que 13,6 milhões de pessoas vivem em favelas em todo o Brasil – se esse contingente formasse um estado, ele seria o 5º maior do país. Essa população, já fortemente impactada pelas desigualdades sociais e econômicas, teve sua situação agravada pela pandemia. Uma pesquisa feita pelo Instituto Locomotiva, em parceria com a Central Única das Favelas (Cufa), mostrou que 50% dos brasileiros têm quatro ou mais pessoas morando na mesma casa. Entre os mais pobres, o percentual chega a 60%. Além disso, 48% deles moram com alguma pessoa do grupo de risco e 32% vivem com pessoas com 60 anos ou mais.

Outro estudo, realizado a pedido do jornal *O Estado de S. Paulo*, atesta que 54% dos brasileiros acreditam que seu padrão de vida piorou e seis em cada dez deles estimam que vai levar mais de um ano para reconquistar o que tinham antes da pan-

**O coronavírus pode até afetar tanto ricos quanto pobres, mas os anticorpos sociais de uma sociedade desigual, como a que existe no Brasil, são muito diferentes (...) A pandemia não inventou a desigualdade, mas jogou uma trágica luz sobre os efeitos na vida dessas famílias.**

demia. Além disso, um terço dos entrevistados que têm plano de saúde, pagam escola particular para os filhos ou empregam um trabalhador doméstico afirma que não conseguirá manter ao menos um desses serviços. Afetados pela redução de ganhos ou pelo desemprego, 91 milhões de brasileiros deixaram de pagar alguma conta em abril.

Para Meirelles, a situação é alarmante: a população de baixa renda depende do sistema público de saúde, não tem poupança e está passando pela pandemia com pouco dinheiro ou apenas doações. “A pandemia não inventou a desigualdade no Brasil, mas jogou uma trágica luz sobre os efeitos na vida dessas famílias”, afirma.

#### **DESAFIOS EDUCACIONAIS**

Um dos setores onde essa desigualdade se manifesta de forma mais evidente é na educação. Um levantamento recente realizado pelo instituto sobre o acesso aos estudos durante a pandemia resultou no que eles classificaram como “estatística do óbvio”: os estudantes periféricos e de escolas públicas foram mais afetados que os de escolas privadas pelas consequências da crise. Em todo o país, 47,9 milhões de alunos, somente na educação básica, foram atingidos pela suspensão das aulas presenciais, a partir da metade de maio, sendo que as crianças mais pobres têm menos acesso a desktops, notebooks e tablets, recursos que são essenciais para o Ensino à Distância. »



*Um dos setores onde a desigualdade se manifesta de forma mais evidente na pandemia é na educação: 47,9 milhões de alunos da rede pública tiveram as aulas suspensas.*

“Dados da TIC Kids Online, de 2019, indicam que apenas 21% das crianças e adolescentes, das classes D e E, usam um computador para acessar a internet. De acordo com a mesma pesquisa, 73% das crianças das classes D e E dependem exclusivamente do uso de celular para acessar a internet. Imagine, então, ter que digitar uma redação inteira no celular usando apenas os dedões?”, questiona o pesquisador, lembrando ainda que os modelos de celular nem sempre têm boa capacidade de processamento e memória, dados móveis não são acessíveis financeiramente a todos e mesmo o sinal da internet nem sempre chega aos territórios de baixa renda com qualidade.

A partir da clareza com que esses déficits se apresentam, Meirelles acredita que é preciso que a sociedade civil, as empresas e o Poder Público estimulem debates e ações a fim de definir políticas públicas que auxiliem os brasileiros mais fragilizados.

“Entendo que não existe uma saída para a crise que não passe por uma radicalização da distribuição de renda. Agora, os modelos tornaram-se eletrônicos, mudando toda a relação que as pessoas têm com o consumo. Elas começam a ver uma série de vantagens de receber o dinheiro por meios eletrônicos, como o auxílio do Governo Federal e as doações de entidades, realizar pagamentos por aplicativos e

fazer suas compras online. Nesse último ponto, vale destacar que o varejo tem sido impulsionado pelos segmentos de menor renda, justamente pelos mais atingidos pela crise econômica”, observa o pesquisador.

### **MUDANÇAS NAS EMPRESAS**

Para Meirelles, essa nova realidade digital, que impactou diferentes setores da economia e da vida brasileira, apenas adiantou o processo de digitalização que já estava em curso. As empresas que ainda não se encontravam inseridas nessa realidade perceberam que a transformação digital era algo central no momento e não apenas uma contingência devido à crise sanitária. A partir disso, as organizações saíram em busca de respostas para entender as mudanças que ocorreram durante a pandemia e as tendências para o chamado “novo normal”.

Uma pesquisa do instituto, em parceria com a Acesso Digital e a Cia de Talentos, mostrou como isso ocorreu. De acordo com o estudo, 85% das companhias estão trabalhando totalmente ou parcialmente à distância – sendo que 47% já estavam acostumadas com o trabalho remoto. A maioria dos profissionais de Recursos Humanos



Renato Meirelles é presidente do Instituto Locomotiva, fundador do Data Favela e membro do conselho de professores do IBMEC, onde é o titular da Cadeira de Ciências do Consumo e Opinião Pública. Renato fez parte da comissão que estudou a nova Classe Média Brasileira, na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República – SAE. Considerado um dos maiores especialistas em consumo e opinião pública do país, foi colaborador do livro “Varejo para Baixa Renda”, publicado pela Fundação Getúlio Vargas e autor dos livros “Guia para enfrentar situações novas sem medo” e “Um País Chamado Favela”.

Houve uma transformação digital que não ocorreu em nenhum outro momento da história brasileira. Os profissionais de diferentes setores passaram a exercer suas atividades de casa, os colaboradores mudaram a relação com o ambiente de trabalho e a comunicação migrou para o meio digital.

entrevistados acredita que o processo de contratação será 100% digital no futuro. Para 97%, as tecnologias digitais também otimizam o tempo de contratação, reduzem custos e ampliam as possibilidades de encontrar novos colaboradores.

“Há cinco meses, nós previmos uma aceleração de processos que já estavam latentes na sociedade. Houve uma transformação digital que não ocorreu em nenhum outro momento da história brasileira. Os profissionais de diferentes setores passaram a exercer suas atividades de casa, os colaboradores mudaram a relação com o ambiente de trabalho e a comunicação migrou para o meio digital”, diz Meirelles.

Por isso, ele acredita que o sistema de trabalho remoto pode continuar em vigência nas organizações mesmo após o fim do isolamento social. Muitas instituições perceberam um aumento na motivação dos funcionários, em *home office*, e especialmente os setores voltados para tecnologia foram mais positivamente impactados e estão aquecidos.

“É como venho analisando as questões de mercado: oportunidades surgem mesmo que em um período de crise econômica. Acredito que a gestão remota continuará de grande valor e os líderes terão de manter clareza com os seus colaboradores, para que trabalhem com segurança e confiança”, conclui.